

O diálogo entre Ferry e Sponville sobre o ateísmo

Ferry and Sponville's dialogue on atheism

Wesley Barbosa

<https://orcid.org/0000-0001-8766-6670> - E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO

O presente artigo buscará investigar como é possível uma espiritualidade sem Deus em Ferry e Sponville. Passando pelos humanismos renascentistas e iluministas, até a fase da desconstrução com Nietzsche, chegaremos numa terra devastada, sem quaisquer ídolos a se prostrar de joelhos. Em meio aos escombros da terra devastada ainda haveria um algo a se agarrar como profusão de uma experiência com o sagrado: o amor. Não mais um amor abstrato, mas um amor prático, do cotidiano, amor ao próximo, amor aos familiares.

Palavras-chave: Amor. Espiritualidade. Ateísmo Deus.

ABSTRACT

This article will seek to investigate how a spirituality without God is possible in Ferry and Sponville. Passing through Renaissance and Enlightenment humanisms, to the stage of deconstruction with Nietzsche, we will arrive in a devastated land, without any idols to prostrate themselves on their knees. Amidst the rubble of the devastated land, there would still be something to cling to as a profusion of experience with the sacred: love. No longer an abstract love, but a practical, everyday love, love for others, love for family members.

Keywords: Love. Spirituality. Atheism. God.

A espiritualidade de Ferry

Para Ferry, Nietzsche seria o primeiro desconstrutor da modernidade, o primeiro a ir a fundo no sentido de desmascarar o otimismo bobo de um racionalismo autoiludido, explicitamente uma estratégia para dar conta de uma totalidade impossível de ser alcançada, seja no campo abstrato ou por uma práxis como uma consciência da ação, que no seu agir fosse plenamente coerente, sem quaisquer contradições, pois sabe, via Ilustração, sobre o agir correto. Ora, na ação não existe um antes planejado que desse conta da ação, pois é no momento do agir que tudo se aglutina enquanto ação. E todo agir carrega consigo o certo e o errado, não como categorias transcendentais, mas como atributos arrancados da efetividade das consequências deste agir. Pelos resultados obtidos se sabe sobre o certo e o errado naquele contexto. Se foi errado, também aqui não há motivos para se envergonhar ou se arrepender, viver é estar pronto para a ação e é melhor agir, mesmo equivocadamente, que nada fazer da vida numa tentativa rotineirizá-la. “Por outro lado, qualquer que seja nossa posição — e você verá que é possível fazer restrições a Nietzsche —, o radicalismo, até mesmo a violência de seus ataques contra o racionalismo e o humanismo só se igualam à genialidade com que ele soube apresentá-los” (FERRY, 2012, p. 97). Assim, Nietzsche colocou o dedo na ferida quando apresentou o pensamento moderno não como uma novidade, porém como uma continuação do cristianismo medieval. O ateísmo ou laicidade do Iluminismo não passam de engodo, eles são crentes, tem fé no progresso, na ciência, na verdade, na paz como uma dimensão futura como uma igualdade, uma fraternidade e uma liberdade.

Eis por que, aos olhos de Nietzsche, quando nossos republicanos herdeiros das Luzes se dizem ateus, ou mesmo materialistas, na verdade, permanecem *crentes*! Naturalmente, não por rezarem a Deus, mas porque não deixam de venerar quimeras, já que continuam a *acreditar* que alguns valores são *superiores à vida*, que o real deve ser julgado em nome do ideal, que é necessário transformá-lo para moldá-lo aos ideais superiores: os direitos do homem, a ciência, a razão, a democracia, o socialismo, a igualdade de oportunidades etc. (FERRY, 2012, p. 98).

A morte de Deus já fora anunciada aos desavisados. No momento que a religião tomou a dimensão de uma burocracia estatal, ela matou Deus em nome do ritual e do dogma. Os sacerdotes do ideal são os assassínios de Deus. Mas na Idade Média, ao menos, ainda se idolatrava um Deus morto, no niilismo católico, como rito, na mentira de que a presentificação de Deus acontecia como um *pathos* mediado pelo sacerdote que conhece as palavras e os gestos para invocar a entidade. Ali já não existia presentificação de coisa alguma, além do poder secular do papa e do ódio como valor máximo de uma instituição preocupada em punir pecadores e converter a força os inimigos da verdadeira fé. Outrossim, o advento da Revolução Técnico Científica Moderna inaugura uma espécie de religiosidade sem Deus. Antes, havia a mentira de uma religiosidade com Deus, depois se reconhece efetivamente a morte de Deus para o rearranjo das práticas de fé, sem Deus, o que resta é inventarmos dogmas eminentemente humanos, ídolos do intelectualismo supostamente mais comprometido com a verdade. A verdade de Deus não é a verdade dos homens. Mais uma vez o humanismo do Renascimento destituiu a santidade de Deus para outorgá-la aos homens. “Temos aqui exatamente o tipo de crença, de religiosidade sem Deus ou, como diz Nietzsche em seu vocabulário bastante peculiar, de ‘ídolos’, que ele pretende desconstruir, ‘filosofando com um martelo’” (FERRY, 2012, p. 98). Parece insuportável ao homem embrenhar-se no deserto do ser¹. Assumir a vacuidade do mundo e das ideias com

¹ Ver (BARBOSA, 2020).

jovialidade e leveza para neste ato de coragem deparar-se com a liberdade de ser a absoluta possibilidade. O que se quer desde muito tempo é um ideal para estabilizar os afetos provenientes do turbilhão do viver. Entre Lula e Bolsonaro, não é difícil escolher um, desde que feitas as mínimas análises, como teste de realidade. Contudo, em ambos os grupos existe uma estima tão grande por cada um de seus líderes, que já não importam as vicissitudes de uma ação como lançada no contraditório, nem sempre certa e nem sempre errada, de uma vez; Lula e Bolsonaro, assim como o Flamengo ou Jesus Cristo e Alá, se tornaram ícones de idolatria, necessários para que não se precise lembrar que os protagonistas de nossas vidas somos nós mesmos. A determinação do escravo em colocar-se passivamente diante de seu senhor é um sintoma da doença que acomete os cansados da vida, porém, mesmo cansados, não morrem, porque preferem a autoilusão como mecanismo para continuar na vida.

Nietzsche pensa que todos os ideais, explicitamente religiosos ou não, de direita ou de esquerda, conservadores ou progressistas, espiritualistas ou materialistas, possuem a mesma estrutura, a mesma finalidade: fundamentalmente eles partem, como lhe expliquei, de uma estrutura teológica, já que se trata sempre de inventar *um além melhor do que este mundo*, de imaginar valores pretensamente *superiores e exteriores à vida* ou, no jargão dos filósofos, de valores “transcendentes” (FERRY, 2012, p. 99).

Nestes tempos de desrespeito ao inimigo como a desqualificá-lo numa baixeza típica dos vermes, é importantíssimo mostrar a elegância de Luc Ferry quando apesar das diferenças, reconhece em Nietzsche o gênio que todos de algum modo invejamos. Alguns elaboram essa inveja como ressentimento, outros como satisfação e privilégio por ter entrado em contato com a obra.

Nem por isso o pensamento de Nietzsche, às vezes insuportável, deixa de ser genial, tão abrasivo quanto possível. Podemos não partilhar suas ideias; podemos até detestá-las, mas, depois dele, não podemos mais pensar como antes. O que é a marca incontestável do gênio (FERRY, 2012, p. 100).

Depois de Nietzsche não dá mais para pensar do mesmo modo. Uma outra dimensão do pensamento se abriu. Entretanto, as pistas lançadas pelo alemão não são dogmas de fé, e não são também imoralistas no sentido de uma amoralidade. A perspicácia do pensamento perspectivo é ser fluido, movimento, sintonia e caos. Por isso, os ataques frontais e agressivos, os dizeres *Por que sou tão sábio*, não são verdades ou atributos consistentes do que quer que fosse, são frases, aforismos, tipos, provocações, no sentido de incomodar, causar reboliço, chocar. Ao desestabilizar ele lança o leitor por novas veredas, nem que seja para odiá-lo.

Nietzsche não desconstrói a cosmologia grega, o cristianismo ou a filosofia das Luzes pelo simples prazer de negar ou destruir, mas para abrir espaço a pensamentos novos, radicais, que vão efetivamente constituir, embora em sentido inédito, uma *theoria*, uma *praxis* e até mesmo um *pensamento da salvação* de novo gênero (FERRY, 2012, p. 101).

O imoralismo de Nietzsche é condição para assentar o homem à Terra. Sem deuses, ideais ou homens de grande valia, caberia ao homem aceitar a vida nestas condições mesmas de imprevisibilidade, dor, sofrimento, e também alegrias e conquistas, aceitar a vida como *Amor Fati*. A estratégia nietzscheana para esse pensamento abissal é utilizar-se da linguagem como jogo, brincadeira, fazendo arte com as palavras, para confundir, sacudir, tocar no corpo, reverberar afetos. E enquanto destrói ídolos, destrói a si mesmo como ídolo, seus pesquisadores e leitores são seus avaliadores, não seus adoradores, pois suas assertivas não servem para crer, honrar e

louvar, seus enredos de filosofia e ficção indicam novas perspectivas e, portanto, inéditos direcionamentos para viver.

Parecerá ainda mais sacrílego aos nietzschianos ortodoxos — pois essa estranha espécie, que teria feito Nietzsche rir muito, existe — falar a respeito de uma “moral”, quando Nietzsche sempre se autodenominou “imoralista”, de uma sabedoria tal e a respeito de quem as pessoas têm o prazer de lembrar que morreu louco. E o que dizer de uma doutrina da salvação no pensador da “morte de Deus”, num filósofo que teve a audácia de se comparar ao Anticristo e de zombar explicitamente de qualquer espécie de “espiritualidade”? (FERRY, 2012, p. 101).

Não existe outra vida que valha a pena sacrificar esta por ela. Assim como qualquer prerrogativa transcendental, teleológica ou verdadeira. O futuro é um delírio e o passado um cadáver, só o agora é a eternidade do viver plenamente, satisfeito com esse momento, instantâneo no seu encadeamento temporal, mas vigoroso na experiência de existir nesta pequeníssima fagulha. “[...] —, é que não existe absolutamente *nenhum ponto de vista exterior e superior à vida, nenhum ponto de vista que tenha, no que quer que seja, o privilégio de se abstrair do tecido de forças que constituem o fundamento do real, a mais íntima essência do ser*” (FERRY, 2012, p. 103, grifo do autor). Ora, se a vida é esta mesma, instável, não caberia atribuir significados muito rígidos para se vislumbrar o mundo. Porque todo conceito duro demais acabará por sucumbir, mais cedo ou mais tarde, pela própria realidade que desmente a nossa criativa imaginação de intelectual. A saída perspectivística talvez fosse melhor. Primeiro por nos alimentar de uma certa liberdade no manejo das coisas. Segundo que se os valores não estão absolutizados, mas soltos, então o sujeito, no seu contexto, tende a sofrer menos, pois consegue metamorfosear-se de muitos modos, o desamparo não é mais um susto como se o chão sumisse de repente quando se se depara com a morte de Deus; o desamparo faz parte e lidamos com ele.

[...], o artista é por excelência *aquele que enuncia valores sem discutir*, aquele que nos abre ‘perspectivas de vida’, que inventa mundos novos sem necessidade de demonstrar a legitimidade do que propõe, *menos ainda de prová-la pela refutação de outras obras que precederam a sua* (FERRY, 2012, p. 110, grifo do autor).

Ao contrário desta leveza, o moderno enuncia uma vontade de verdade como a assumir sua missão desbravadora do real, do passado e do futuro. Pelo cálculo ou a lógica formal se poderia inferir aspectos de um porvir. Perceba a cilada que o homem esclarecido se enfiou. Ao desenvolver sua *Techné*, descreveu, elaborou, criou máquinas, medicamentos, fez até algumas previsões certas, como um mago mais embasado que os de outrora; mas eventos aleatórios insistem em tirar o sossego do filósofo e do cientista. O sucesso evolutivo de uma espécie deve-se a sua capacidade de resolver problemas cotidianos no sentido de garantir a alimentação e a reprodução, esta última pelo acoplamento de duas células haploides para formar o zigoto, não por um motivo que pudéssemos dizer com veemência, que constituir-se-ia uma peça da grande máquina com este ou aquele funcionamento regular; não, a variabilidade genética dos indivíduos é garantida por um evento completamente aleatório, o *crossig over*, evento este que não é possível determinar as causas deste encaixe ao invés daquele, ou as consequências desse novíssimo encontro, isto é, o encontro das bases nitrogenadas deste organismo é de tamanha singularidade que dele deduzir o funcionamento do organismo é inviável por falta de qualquer modelo comparativo. Todos esses entendimentos, sejam os nietzscheanos, os científicos, filosóficos ou artísticos, não são essências do real, são caminhos e descaminhos da linguagem. E não

adianta recorrer a uma linguagem hermeticamente fechada e perfeita, ela não existe, para enfim acessarmos a beleza das coisas. O mundo é um campo de forças.

O primeiro registro é o da filosofia e da ciência: a linguagem é apenas um instrumento a serviço de uma realidade mais elevada que ela, a Verdade inteligível e democrática que se imporá, um dia ou outro, a cada um. O segundo é o da arte, da poesia: as palavras não são mais simples meios, mas fins em si; elas valem por si mesmas, já que produzem efeitos estéticos (FERRY, 2012, p. 110).

O pensamento de Nietzsche tem alguns problemas difíceis de superar, sobretudo para os leitores educados segundo os preceitos de uma moralidade dos costumes. O dualismo é uma questão complicada de superar, mesmo para os acostumados aos trejeitos estilísticos do autor da Basileia. Ora, se há um campo de forças como próprio da vida, uma vontade de poder, em que uma força ativa e outra reativa digladiam-se eternamente; a primeira advinda dos espíritos não ressentidos e joviais e a segunda dos docilizados da moral, em que acabe-se por advogar em favor da força ativa rechaçando-se a segunda, não passa de reação. As forças constituem os indivíduos, negá-las por motivos políticos, vergonha ou ressentimento é, de novo, continuar anunciando os valores de uma filosofia tacanha que não amplia o olhar. “[...] toda atitude ‘ética’ que consiste em rejeitar uma parte das forças vitais, mesmo a que correspondesse às forças reativas, em proveito de outro aspecto da vida, fosse ele dos mais ‘ativos’, ela cairia *ipso facto* na mais patente reação!” (FERRY, 2012, p. 113). O sujeito só ativo é inumano, e aquele todo reativo também, é porque as forças podem se orientar cooperando-se que a vida pode encontrar condições para um traço mais leve e jovial. O nietzscheano que vê no outro o sintoma da doença, mas se isenta do diagnóstico, numa neutralidade de médico da humanidade, age por ressentimento e não dá um passo melhor que o tipicamente decadente. Por isso, a afirmação de que a filosofia de Nietzsche é uma filosofia ateia responde eficazmente a uma demanda de vingança, muito mais do que fazer as forças se cooperarem numa transvaloração dos valores.

[...] quer dizer, aquela na qual as forças vitais, em vez de se contrariarem, de se dilacerarem e de se combaterem ou de se esgotarem umas as outras, cooperam entre si, mesmo que seja sob o primado de umas, as forças ativas certamente, de preferência às outras, as reativas (FERRY, 2012, p. 114, grifo do autor).

O desmonte do mundo não faz o menor sentido, mesmo que supostamente haja uma essência que seja uma inessência. Ao contrário do que muita gente imagina, Nietzsche não promove uma desconstrução para lançar o homem no nada, há na sua filosofia um além-do-homem como alternativa tipológica e psicofisiológica do homem. Ou seja, é preciso colocar abaixo todos os símbolos maiores da moral, para de lá fazer emergir, não novos ídolos, mas os ideais que sejam a melhor mentira para uma vida sem o cansaço desta longa História, para que o dançarino, enfim, consiga jogar com os valores numa crítica de si para construção de outros valores. Curiosamente, os valores arrogados como uma novidade, não são tão novos assim, e nem estão distantes. Em muitos aspectos, crentes e ateus, até concordam entre si, seja por uma espiritualidade com Deus ou sem Deus, o amor entroniza no discurso como um suporte *Humano, Demasiado Humano*, um recurso que diante do desamparo ou da redenção absoluta do eu no espírito pela assunção arrebatadora no fim dos tempos, funciona como um ingrediente que revigora o nada numa concepção afetiva de eternidade.

É a noção de eternidade que pode nos mostrar o caminho. Pois você notará que, mesmo na ausência de Deus, existe eternidade, e, para se chegar a ela, é preciso, afirma estranhamente

Nietzsche — estranhamente porque isso parece quase cristão —, *ter fé e cultivar o amor* (FERRY, 2012, p. 122, grifo do autor).

O amor nos coloca diante da eternidade do sagrado. O sagrado pode ser o oposto de profano, ou o semblante mágico do mundo, cheio de mistérios e poderes místicos dignos de respeito e adoração. Destarte, sagrado como um valor maior que possamos nos ater de modo a sermos capazes de nos sacrificar. A grandiloquência do discurso de Cristo é justamente essa dimensão do sagrado, de morrer por um ideal, o sacrifício pelo amor, o amor aos homens.

Para não haver equívoco: entendo aqui o termo “sagrado” não no sentido religioso, mas em seu sentido ideológico e filosófico; não como o oposto de profano, mas antes como “aquilo pelo qual podemos nos sacrificar”, nos arriscar ou dar a vida. É desse ponto de vista, por exemplo, que um agnóstico ou um ateu podem perfeitamente falar de “valores sagrados” [...] (FERRY, 2012, p. 7).

O amor parental não teria se evidenciado na história se os casamentos não tivessem o amor como mola mestra. Com a intensificação das relações econômicas na transição da medievalidade para a modernidade, assim como as guerras, forçaram um êxodo rural. Havendo o Renascimento Urbano e Comercial, muitos destes camponeses, agora separados do jugo da comunidade e da Igreja, terão que trabalhar nas cidades e comprar a sua própria história. Deste modo, desobrigados de cumprir determinadas tradições, puderam escolher com quem gostariam de passar o resto de suas vidas. A família nuclear, bem menor que a família medieval, reduz-se a pai, mãe e filhos, em que o como educar, ou que valores transmitir são decisões dos pais, não mais da comunidade ou da Igreja. Se antes, a comunidade era o alicerce da sociedade, com a nuclearização da família, o ancoradouro passou a ser o grupo familiar que tem seu vínculo estruturado no amor. O humanismo burguês estruturará juridicamente os pressupostos deste amor individual como garantia da propriedade privada, da liberdade e da laicidade. Contudo, tais prerrogativas constitucionais ainda sustentam um amor abstrato. Se da transição do casamento por conveniência para o casamento por amor, existiu uma relação palpável de amor, com o processo de construção do Estado Moderno, algo do factível ganhou alcunha de abstração, de modo que o amor ganhou nuances de amor à pátria, amor a república, a democracia, amor a ideia, amor sem homens. Esse amor Iluminista é o mesmo que levou à Auschwitz.

De fato, é em nome desse segundo humanismo e das novas exigências morais que ele acarreta que os europeus de hoje criticam os malefícios reais ou supostos da globalização, que eles tentam resistir aos seus efeitos negativos, em nome de novos valores morais que traduzem, no essencial, a passagem de uma ideologia das Luzes, ainda fortemente marcada por um eurocentrismo da razão e dos direitos, para uma filosofia da transcendência do outro ou da simpatia, ao mesmo tempo pós-metafísica e pós-colonial (FERRY, 2012, p. 36).

A família como embrião do amor sofre transformações permanentes. Aquela, heteronormativa e estável, é uma ficção dos moralistas. Hoje, todas as famílias são estruturadas, a seu modo, algumas com divórcios, outras com homens violentos, algumas com duas mães, dois pais, mães solteiras, casados, juntados, amor à distância. “Entramos hoje numa terceira era da família, uma união na qual o homem e a mulher, não importando se oficialmente casados ou não, se escolhem, fundamentalmente, para não dizer exclusivamente, por amor.” (FERRY, 2012, p. 38). A forma como amam-se os parentes, a criança pela mãe, pelo pai, o que o casal suporta e abdica por causa da criança, são eventos de uma incondicionalidade do amor. “É a que se estabelece com o surgimento do amor parental como o conhecemos hoje, simultaneamente in-

condicional e superior a todas as outras formas de amor.” (FERRY, 2012, p. 39). A ideia é tão disseminada como concepção moral que não é crível que um pai ou uma mãe não ame seus filhos, o que é visto pela sociedade com péssimos olhos. Ao contrário do que muita gente suporia, a família nuclear enquanto invenção burguesa, não ensimesmou os indivíduos numa redoma de clã. Tal concepção de amor familiar possibilitou aberturas, um engajamento com a coletividade. Enquanto nuclear, o amor para si do grupo da casa, alcança o coletivo, pois criar os filhos não é fácil, tanto do ponto de vista das demandas culturais específicas do animal humano, quanto da garantia de sucesso biológico da espécie como transmissão dos genes. Diante de tamanho desafio, este nuclear demanda da coletividade esforços para a efetivação da missão, sem que o coletivo interfira nas decisões mais íntimas da família. Assim, o Estado como articulador social, assim como o mercado privado como beneficiado pelo sucesso do cuidado dos filhos, são recrutados a oferecer escolas, universidades, parques, teatros, florestas, etc. Antes, como a família nuclear não existia e o seu fiel escudeiro, o amor, também não, o coletivo se misturava com o privado numa intromissão invasiva de um no outro em que ambos saíam fragilizados, sem contar que sem o amor como valor transcendental tanto fazia se o coletivo levasse crianças para uma Guerra Santa ou não. É provável que hoje a família não permitiria, mas se permitisse, o coletivo impediria ancorado no peso da lei.

Contrariamente aos preconceitos, o amor, na esfera privada, foi um extraordinário fator de abertura para os outros, de alargamento de pensamento e de horizonte. Não um retorno sobre si, um fechamento, uma privatização da vida, como se acreditou, mas, bem ao contrário, uma preocupação nova e mais profunda com a coletividade. Onde essa revolução do amor vai alimentar também a moral e a política do segundo humanismo (FERRY, 2012, p. 42).

A Guerra Santa, depois da queda de todos os ídolos, só terá algo de sagrado como protagonista do amor. Não existe mais nada no mundo que valha a pena defender a não ser o ser humano.

[...] o que visamos hoje não tem nada a ver, nem de perto nem de longe, com o célebre ‘desencanto do mundo’ ou com a ‘era do vazio’ com a qual nos enchem os ouvidos há anos! Vivemos, ao contrário, o nascimento de uma nova face do sagrado e, com ela, uma nova era do humanismo (FERRY, 2012, p. 43).

Se nas Cruzadas, crianças estiveram na *front*, e nas Grandes Guerras serviam para carregar armas e munição, pois ninguém estava isento naquele contexto, o fizeram porque acreditavam num ideal maior, que catalisava todas as pulsões num objeto grandioso e eterno, tomar a terra santa, aniquilar os alemães; hoje, está cada mais difícil encontrar homens e mulheres dispostos a colocar seus filhos na linha de frente, ou eles mesmos se aventurarem numa guerra, se não for para garantir a efetivação de seu amor àqueles que lhe são mais caros. Pátria, Deus e revolução já não fazem o menor sentido, estas entidades abstratas não explicam nada, não criam vínculos profundos. O amor à pátria enquanto afirmação de um território desautoriza os outros territórios como ilegítimos destes patriotas, justificando mais uma vez a guerra de domínio, exploração e saques. O amor a Deus como fanatismo religioso deslegitima as outras crenças, que não são poucas, requerendo de seu absolutismo da fé a destruição de todas as fés. A revolução burguesa ou socialista sulcou a terra de sangue. Sendo assim, tanto amor por abstrações vagas, legitimou o ódio e a matança, ao invés, de perseverar no amor de fato, de carne e osso, um amor efetivo que se realizasse na prática do dia a dia. Que não seja um subterfúgio discursivo para a disseminação do ódio por motivações religiosas e políticas.

[...] os únicos seres pelos quais estaríamos dispostos a arriscar nossas vidas são os seres humanos, a começar por nossos próximos, nossos filhos, evidentemente, mas com certeza não por entidades abstratas. Especialmente nas novas gerações, mais ninguém ou quase (sempre há exceções que justificam a regra) está disposto a morrer pelas três entidades maiores que constituíram, no sentido que a entendo, a história do sagrado na Europa: Deus, pátria, revolução (FERRY, 2012, p. 43).

Dois pessimismos, de um lado Schopenhauer, do outro Nietzsche. O primeiro como recusa da vida, uma resignação diante do fardo incólume. O segundo como um pessimismo propositivo, ativo, um amor incondicional a vida. Enquanto aquele sucumbe diante do desafio acovardando-se numa reclamação filosófica interminável como se houvesse um gozo no sofrer, este assume o conteúdo instável da vontade de poder numa reviravolta capaz de superar o passado enquanto memória decadente, no intuito de alcançar mais leveza e vigor. O *amor fati* é suportar uma existência que enquanto eterno retorno do mesmo, pareceria uma maldição, porque traz o peso do mundo sobre os ombros do vivente. Para o homem moderno, se a vida é isto, é algo que não vale a pena. Contudo, para o homem que de algum modo consegue reposicionar as forças numa confluência ativa, a vida não é insuportável porque dói numa eterna repetição do sofrimento, é a partir do sofrimento que é possível outras dimensões criativas do existir.

[...] de um lado, um pessimismo lamentoso e neurastênico, que culmina sempre na filosofia do consolo pela arte, pela piedade, pelo nirvana, que recusa a vida e tenta se afastar dela por todos os meios. Do outro, o pessimismo ativo e alegre que diz “sim” à vida tal como ela é, e que encontra seu mais perfeito acabamento — não voltarei a isso — no *amor fati* (FERRY, 2012, p. 131).

Neste diálogo francês sobre concepções sobre o ateísmo, elencamos uma continuação entre os discursos e apontamentos entre Ferry, Sponville, Onfray e Gauchet. E, ainda, a presença do amor como campo de análise de suas compreensões. Aliás, amor como sentimento humano, intenção de uma espiritualidade laica, como homem que é Deus e, portanto, de um Deus que é amor; amor como *eros*, *philia* e *agape*, que Sponville se dedicará em *Ni el sexo ni la muerte*. Avancemos um pouco mais na leitura destes autores atuais.

O sagrado em Sponville

Se o amor vence a morte, de um ponto de vista materialista ou cristão, não importa tanto, pois a questão principal dada como fato empírico, é que os cristãos venceram. E depois do Iluminismo e da Revolução Francesa não é mais tão absurda a descrença entre os partícipes da comunidade. Ateus e crentes, nos últimos duzentos anos, aprenderam a se suportar. Um de frente para o outro, mexidos por dentro, pela dúvida colocada pelo oponente. O crente, apesar da fé, talvez suspeite da inexistência desse tal de Deus. O ateu, apesar de convicto, talvez procure ou até tenha experienciado um contato com o sagrado. “Que seria o Ocidente sem o cristianismo? Que seria o mundo sem seus deuses? Ser ateu não é razão para ser amnésico. A humanidade é una: a religião dela faz parte, a irreligião também, e nem uma nem outra são suficientes” (SPONVILLE, 2007, p. 10). Para religiosos e ateus, a espiritualidade está colocada, pois os problemas primeiros da filosofia enquanto angústia existencial estão colocados para todos: Deus, morte, vida, o nada. É curiosamente estranho que o debate no âmbito da espiritualidade foi deixado a cargo das religiões, como se não pudesse existir uma espiritualidade sem Deus. Ferry, acima exposto, levanta a hipótese de uma espiritualidade laica. Sponville elabora

também um modo de vivência do sagrado, sem a intransigência dogmática de Deus ou das religiões. “A espiritualidade é importante demais para que a abandonemos aos fundamentalistas” (SPONVILLE, 2007, p. 10). Estudiosos das sociedades e da cultura descrevem religiões sem Deus. A dissecação de um sagrado e um profano é falsa. Pois o que se pretendeu foi atribuir ao sagrado a dimensão extraordinária de Deus e ao profano a ausência desse extraordinário, que carente dessa fonte do poder a busca nas orações, oferendas, sacrifícios. Entretanto, se fizermos o esforço de aproximar Deus da Terra, da vida, anulando o além-mundo como uma hipótese vazia, a experiência do sagrado dar-se-á no terreno profano, numa mística que vibra no homem pelo contato com o todo, com o absoluto.

É que nem todas as religiões, constata Durkheim, veneram deuses: é o caso do jainismo, que é ateu, ou do budismo, que é “uma moral sem Deus e um ateísmo sem Natureza” (a expressão, citada por Durkheim, é de Eugène Burnouf, grande indianista do século XIX. Todo teísmo é religioso; nem toda religião é teísta (SPONVILLE, 2007, p. 13).

Convencer quem usa da fé como um amortecedor diante da angústia fundamental, não nos parece uma atitude muito nobre. Do mesmo modo que uma pregação cristã dentro do ônibus, não. “Eu ficaria zangado comigo mesmo se levasse a perder a fé quem dela necessita ou, simplesmente, quem vive melhor graças a ela” (SPONVILLE, 2007, p. 19). O que está colocado é que o Estado Democrático de Direito funda o Estado laico garantindo a todos crerem ou não no que quiserem e o Estado não advogará em favor de nenhuma religião. Isto porque uma sociedade sem religião, sem Deus ou nenhuma dimensão do sagrado, sucumbiria por não conseguir agarrar um quinhão que seja de alguma certeza e significado. Não que o sentido venha desta (sobre)natureza, pode vir da ciência, da escola, do exército, do próprio Estado, mas se enveredarmos pela busca das causas, ao invés, de apenas seguirmos o fluxo no turbilhão, deparar-nos-emos com a menor partícula, que ainda é divisível, divisível, divisível... Na rota das causas não há fim. Da menor partícula para a maior, formam-se imensidões de seres, planetas, galáxias ao infinito. E, por fim, resignamo-nos com a morte, que enquanto fim absoluto do eu, não é, entretanto, uma inerte matéria que pulveriza-se no nada, mas uma composição carbônica reindeixada a biosfera. Seja do religioso ou não, estes mistérios de ser isto que se é, estão colocados de forma indubitável.

Ter medo da morte é, portanto, ter medo de nada. Isso não suprime a angústia (que nossos psiquiatras definem justamente como um medo sem objeto real), mas coloca-a em seu devido lugar e ajuda a superá-la. É a imaginação que se aterroriza em nós. É a razão que tranquiliza. Do nada, pensando-o estritamente, não há por definição nada a temer (SPONVILLE, 2007, p. 16).

Pelo sofrimento ou pelo tédio, primeiro apareceram os deuses como recurso da imaginação humana para conter a investigação pela rota das causas. Se Deus existe como uma verdade, optamos por uma saída mais pragmática, ou seja, não é um problema de filosofia a existência de Deus ou não, talvez seja de teologia; a questão filosófica premente é: os deuses existiram em todas as culturas, dos mais variados modos, com os seus rituais mais excêntricos, como um acontecimento da vida, naquele domingo sem grandes pretensões, que recoloca o indivíduo num *pathos* como o bem-estar de um alívio, pois distorce o espaço-tempo num esquecimento momentâneo que funda o transe de conexão com o sagrado. Seja lá o que for isto, teatro ou realidade psicológica, uma coisa é certa, a contemplação deste belo da religião estende-se ao conteúdo mágico da ilusão como uma cura, uma assunção, uma redenção. “[...] que não se conhece grande civilização sem mitos, sem ritos, sem sagrado, sem crenças em certas

forças invisíveis ou sobrenaturais, resumindo, sem religião, no sentido lato ou etnológico do termo” (SPONVILLE, 2007, p. 21). O rito escatológico da religião, além da dimensão individual da experiência, reconecta cada um ao todo do grupo como uma comunidade de irmãos em fé, portadores de uma boa nova, de uma promessa, de um saber genuinamente poderoso feito especialmente para cada um daqueles que estão ali. São crentes, nas reuniões aos domingos, nos encontros para a prática da caridade, sincera ou não, mas veem no outro, o amigo capaz de retirar um pouco do peso da vida. O em comum é o cimento que junta e sedimenta o grupo. Esse fenômeno das massas não ocorre apenas nos eventos religiosos. A psicologia das massas adentra aos fenômenos das torcidas organizadas de futebol, à música e seus espetáculos grandiosos, a adesão fanática a um determinado sistema político. Mas as religiões têm uma especificidade, uma estratégia, uma expertise, para compor rebanhos cada vez maiores e fiéis, inclusive em termos de disponibilização de dinheiro para a instituição. Isto porque os sacerdotes sabem manipular muito bem a angústia fundamental com as misérias e mazelas de uma sociedade capitalista, ansiosa por ter mais daquilo que nem se sabe o que.

Só pode ser um fenômeno humano, ao mesmo tempo psicológico, histórico e social. O que liga os crentes entre si, do ponto de vista de um observador externo, não é Deus, cuja existência é duvidosa, é o fato de que eles comungam a mesma fé [...] ela favorece a coesão social fortalecendo a comunhão das consciências e a adesão às regras do grupo (SPONVILLE, 2007, p. 23).

O cristianismo está incrustado na cultura ocidental como culto sacro, comportamento moral, psicologia das massas. Tudo isto construído palmo a palmo pela disciplina, organização, estratégia e a guerra. Perseguições marcaram o desenvolvimento do cristianismo. Se na transição da Antiguidade para a Idade Média, com as Invasões Bárbaras ao Império Romano, teve-se seu ponto de estabilização social quando parte dos germânicos foram convertidos ao cristianismo (a golpes de espada), em outro momento, a Igreja, proprietária soberana da moral, fez da tortura aos infiéis uma prática genuína, autorizada pelos Estados e principados, desde que houvesse a contrapartida do endosso teológico ao poder secular. Esses arranjos políticos de um poder descentralizado, sem uma monarquia capaz de centralizar os feudos, na Baixa Idade Média, para um poder centralizado num suserano absoluto na Idade Moderna, ambos justificados pelo poder papal, ganha, ao longo do tempo, um amargo sabor por parte dos grupos pouco privilegiados, e mesmo a burguesia, de maneira que o poder monárquico precisaria ser abolido para que o povo decidisse sobre seus líderes, assim como a unidade do poder teria que ser enfraquecida por uma tripartição e, o mais importante para nós, o Estado assumiria sua função laica.

Quanto às suas fontes, nossa civilização é indissociavelmente greco-latina e judaico-cristã, e isso me convém plenamente. Ela se tornou laica, e isso me convém ainda mais. Mas essa laicidade não pode ser uma casca vazia, nem uma forma elegante de amnésia ou renegação, como que um nihilismo refinado (isto é, mais ou menos uma decadência) (SPONVILLE, 2007, p. 35).

Laicidade como casca vazia, é uma versão sem Deus do cristianismo, no sentido de que afirmar a verdade dogmática da descrença é enfiar goela abaixo uma nova crença. A laicidade tem a ver com o republicanismo e detém a maturidade de suportar Deus, mesmo como uma mentira. O laico não é sem Deus, é com todos os deuses. O ateísmo laico não é catequese de descrentes, são descrentes convivendo com crentes. Até mesmo porque, Nietzsche já nos tinha advertido em seu Zaratustra, *o homem é algo a ser superado*, ou seja, quaisquer novidades laicas

ou ateias não estão desprendidas de uma cultura milenar atuante. Todos somos cristãos, por mais que teimemos em não querer ser. Muitos judeus confirmam seu ateísmo apesar do seu judaísmo. Enquanto povo mantiveram sua cultura pela coesão e fidelidade de sua gente às suas crenças. Mesmo os ateus afirmam o seu lugar na história por sua adesão ao judaísmo, e não parece haver dificuldade alguma. “Que o povo judeu tenha podido subsistir por tantos séculos sem Estado, sem terra, sem outro refúgio além da memória e da fidelidade, e com tanta criatividade, tanta liberdade de espírito, tamanha contribuição para o progresso das ciências e dos povos, é algo que talvez merecesse reflexão...” (SPONVILLE, 2007, p. 42). Judaísmo, além da sua essencialidade religiosa, perscruta uma constituição de povo, depois da Segunda Guerra Mundial, atribuir-se judeu, mesmo ateu, é um ato de respeito aos antepassados.

[...] “Ateu cristão ou ateu fiel, que diferença faz? No fundo, Boissonnat tem razão! Veja nossos amigos judeus: muitos se dizem judeus ateus”. O que isso significa? Com certeza não quer dizer que eles teriam genes de judeidade, cuja existência é no mínimo duvidosa e da qual a maioria deles está pouco se importando! Não, o que eles querem dizer é que não acreditam em Deus, logo que são ateus, mas que isso não os impede de se viverem como judeus. [...] Se eles se sentem judeus é porque se sabem e querem ser parte de certa história, de certa tradição, de certa comunidade... (SPONVILLE, 2007, p. 39).

Aquele que espera nunca alcança. Aquele que trabalha tem maior possibilidade de chegar, pois sabe do esforço de ter a consciência da eternidade deste presente e de se concentrar nele, sem o passado e o futuro. E sabemos como viver esse presente, estar bem com ele. Cristãos ou ateus reconhecem o amor como recurso para a vida boa. Se podemos escolher entre amar e odiar, optaremos pelo que causa menor sofrimento, o amor. Porém, as amarras do passado e a idealidade do futuro, como inveja de uma aposentaria feliz de alguém que nem se conhece, entravam as expectativas de sucesso pela via de um menor esforço do organismo. O ressentimento impede a melhor escolha.

Seria loucura dar mais importância ao que ignoramos, ao que nos separa, do que ao que sabemos tão bem, por experiência e de coração, e que nos aproxima: o que constitui o valor de uma vida humana não é a fé, não é a esperança, é a quantidade de amor, de compaixão e de justiça de que somos capazes! (SPONVILLE, 2007, p. 59).

A práxis do amor anula o passado, impede o futuro, o amor como ágape só é real agora, não é à toa que a vida crística é um exemplo de Santidade a ser perseguido pelo Cristão. Ler os evangelhos e ir para as cerimônias para fofocar e reparar na roupa dos outros ou fiscalizar se os trejeitos do fulano são mais ou menos afeminados, não efetiva uma alegria de crente, pois ainda se concentra pouco no agora como único terreno de exercício de amor.

Para o ateu fiel que procuro ser (ser ateu é fácil, ser fiel é outra coisa), grande parte dos Evangelhos continua a valer. No limite, quase tudo me parece verdadeiro neles, salvo Deus. [...] O amor, não os milagres, é que constitui o essencial da sua mensagem. (SPONVILLE, 2007, p. 65).

Se sabe da felicidade de ser um doador, não porque se precise de homenagens: ajudar o próximo requerendo tábulas de pedra para exibir altruísmo, não é caridade, é autopromoção. Além de não ser muito nobre, não tem o engajamento necessário para uma experiência de doação que aplaque a angústia numa felicidade redentora, nem para além, nem para os outros, mas para o agora e para si, na medida em que reduzir a potência de si para o aumento de potência do outro, significa ser tomado por um bem-estar como libertação de todos os pesos: a felicidade.

Os textos essenciais estão na Suma teológica (EI, 65, 5 e III, 18, 2). O doutor angélico diz aí a mesma coisa que santo Agostinho: no Reino, não haverá mais nem fé nem esperança (“nem uma nem outra podem existir entre os bem-aventurados”); só haverá a caridade, só haverá o amor. São Tomás escreve tranquilamente: “Houve em Cristo uma caridade perfeita; não houve porém nem fé nem esperança.” (SPONVILLE, 2007, p. 62).

Talvez, o maior contribuidor para esse debate ateu, seja Feuerbach, o seu Deus antropomórfico nos sugere uma solução bastante adequada para a questão. E muitos do que vem depois dele concordam com esse Deus-homem. Tudo que almejamos está em Deus, um Pai como a barreira contra o desamparo; Deus como a cura, a riqueza, a vitória, a inteligência, o prestígio, o amor, a caridade. Nele estão todas as coisas, dele advém todas as coisas, o sucesso, a paz, a alegria. Criamos Deus para realizar nossos desejos mais incontidos. Para além disto, o que se poderia conjecturar acerca de Deus? Sem a dimensão humana o que se torna Deus? Homem e Deus: se não houvesse homens haveria Deus, Deus existe independentemente do homem?

Dizer que Deus é espiritual, pessoal e criador já é antropomorfismo. Ora, isso faz parte da sua definição... Dizer que Deus é Pai também é antropomorfismo. Ora, são os Evangelhos a dizê-lo, e a Igreja: releiam o Pai-nosso e o Credo... Dizer que Deus é justo, que é poderoso e sábio, como fazem a Bíblia e o Corão, é sempre antropomorfismo. Dizer que ele é amor, que é compassivo e misericordioso, também... Mas, então, o que dizer sobre Deus, além de todo antropomorfismo, a não ser, muito exatamente, nada? (SPONVILLE, 2007, p. 103).

Sponville, portanto, recruta para o seu ateísmo uma dimensão comum aos cristãos, o amor como caridade, como possibilidade de uma experiência com o sagrado. Ao afirmar o seu ateísmo, escolhe uma posição comum a ateus e crentes, no sentido de afirmar uma tolerância religiosa. E, também, ou, talvez, o principal, para reduzirmos os conflitos para assumirmo-nos como partícipes de um mundo de sofrimento e falta de sentido.

Considerações finais

Ferry e Sponville dialogam suas proposições ateístas não tomando uma posição rígida demais no sentido de afirmar isto ou aquilo. Mas trazem no bojo de seu discurso os problemas existenciais que acometem os humanos como um todo e que darão origem aos mitos e religiões por um lado e a filosofia por outro. Alguma dimensão do sagrado deve existir depois da desconstrução generalizada, da destruição de todos os ídolos. Devastada as cidades e os seus mais robustos edifícios morais do ocidente, agora sem pátria, sem progresso, sem Deus, sem razão, sem ciência, em meio aos escombros, ainda resta o amor, como dimensão profana, humana, do sagrado.

Referências

ALVAR, Jaime. Um Tratado Fracasado: La ateología como discurso del ateísmo cristiano. *Diálogos da história antiga*, v. 32, n. 2, p. 125-137, 2006.

BARBOSA, Wilmar do Valle; LOTT, Henrique Marques. “O religioso após a religião”: um debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 71-100, out./dez. 2010.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Douglas Willian. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da religião, 2016.

FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. *A Tentação do Cristianismo: de seita a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. *Argumentos Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 10, n. 19, jan./jun. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Fragmentos póstumos*. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Marcos de Oliveira. *Por uma Autópsia do Sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SPONVILLE, André Comte. *Ni el sexo ni la muerte*. Barcelona: Editorial de Espasa Libros, 2012.

SPONVILLE, André Comte. *O Espírito do ateísmo*: Introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

Sobre o autor

Wesley Barbosa

Mestre em Psicologia e em Filosofia pela UFES. Atualmente cursa o doutorado em Filosofia pela mesma instituição.

Recebido em: 04.08.2022.
Aprovado em: 04.01.2023.

Received in: 08.04.2022.
Approved in: 01.04.2023.